

ARTIGOS

ESTUDOS PARA UMA DESMITIFICAÇÃO DOS PETROGLIFOS BRASILEIROS .

(I) — A Pedra Lavrada de Ingá (Paraíba)

GABRIELA MARTIN

da Universidad e Federal de Pernambuco .

Durante a elaboração do repertório bibliográfico sobre arqueologia brasileira que estamos preparando, encontramos numerosas referências às inscrições e gravuras em rocha, espalhadas por todo o Brasil, as quais, muitas vezes, inclusive recentemente, têm sido interpretadas com inscrições de origem fenícia, egípcia e até mesmo etrusca e grega, dependendo do gosto de cada um.

No último congresso realizado na ilha das Canárias sobre possíveis navegações pré-colombianas à América, discutiu-se qual seria a origem mais lógica da informação a respeito de uma inscrição fenícia encontrada no Brasil, e mesmo do século passado, e quem de us muito o que falar à imprensa da época. Dessa inscrição se conhece a tradução, já que o original, dado por perdido, na verdade, parece que nunca foi visto por ninguém, pois se trata, como veremos, de uma inscrição apócrifa. Com o texto não parece inventado, mas copiado de uma inscrição real, supõe-se que algum criou tal inscrição copiando-a de um texto fenício, desejando agradar ao Imperador Pedro II, que era um aficionado à arqueologia e às antiguidades. Certamente, da mesma maneira, nasceu o mito da inscrição — fenícia, para uns, indígena para outros — gravada na imensa rocha chamada "Pedra da Gávea", no Rio de Janeiro, medindo três metros cada sinal e traduzida pelo historiador amazonense Bernardo Ramos (1) com o "*Tiro, Fenícia, Badezir Primogênito de Jethabaal*", mas que não passa de desenho naturais na rocha produzidos pela erosão.

(1). — Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, *Inscrições e tradições da América Pré-histórica especialmente do Brasil*. Imprensa Oficial. 2 volumes. Rio de Janeiro, 1930.

A experiênci a te m ensinad o que , quand o um a interpretaçã o his - tórica é lançad a por alguem de cert o prestígio , por mais absurd a e dis - paratada que seja , tarda-s e a rejeita-l a por completo , e todo s sabemo s como er a fertilíssim a a imaginaçã o do s erudito s d o sécul o passado . A hipótese de que um componente da arca de Noé ou algum a tribo da Diáspora seja m o s responsávei s pel o povoament o d a América , formu - lada co m o s primeiro s descobridore s e colonizadore s , com o explica - ção da presenç a dos índios , nã o foi totalment e rejeitad a e encontramos ainda hoje trabalhos com títulos tão curiosos como a *Origem árica dos povos pré-colombianos*, de Paulo Bougard de Magalhães.

O contact o com curiosidade s bibliográficas n o camp o da Arqueo - logia induziu-nos a seguir o fio da mead a até chegar à origem das fan - tásticas interpretaçõe s dada s à s inscriçõe s indígenas .

De toda s a s inscriçõe s brasileira s conhecid a s é , certament e , a da "Pedra Lavrad a de Ingá " a mai s interessant e e a de maio r tamanho , e po r iss o mesm o a mai s sujeit a a fantasia s e interpretaçõe s contradi - tórias. Ess a inscriçã o encontra-s e n o Estad o d a Paraíba , cerc a d e 7 km s d a cidad e d e Campin a Grande , n o municípi o d e Ingá , n o rio do mesm o nome . Um a série de blocos de *gneiss* estrangula o rio , que corre formand o pequena s cascatas ; n o centro d o pedregal , um enorm e bloco de 24 metro s de largura por 3 metro s de altura divide o rio e m dois braços . O lad o nort e d a pedra est á cobert o totalment e d e inscri - çõe s até uma altura de 2,50 mts . Um a linh a contínu a inculpida form a o desenho das inscriçõe s e tem 3 cm . d e largura e 6 a 7 mm . d e profun - didade; um a linh a d e ponto s d e 5 cm . d e diâmetr o enquadr a a parte superior d a inscriçã o .

Recolhemo s d e L . F . Clero t (2) um a notícia , nã o mencionad a por outro s autores , a respeit o d o lugar do s petroglifos . Relat a Clero t que , at é 1953 , o conjunt o d e bloco s d e pedr a e inscriçõe s er a maior , ano e m que um grup o d e trabalhadore s enviad o pel o proprietári o da s terras , destrui u grand e part e d o pedrega l par a a fabricaçã o d e laje s de pavimentaçã o . Co m a intervençã o d o Serviç o d o Patrimôni o His - tórico , foi suspensa a demoliçã o e , quand o em 1972 visitamo s o lugar , encontramos resto s d e outra s inscriçõe s e m torn o d a que no s estamo s referindo , qu e pareci a nã o have r sid o danificad a . Tambe m Clovi s Li - ma (3) , qu e a visito u em 1953 , di z que a s inscriçõe s ocupava m um a área d e aproximadament e 1.200 metro s quadrados .

(2). — L . F . R . Clerot , *30 anos n a Paraíba (Memórias Coreográficas e outras memórias)* . Editor a Pongetti , Ri o d e Janeiro , 1969 .

(3). — Clovi s do s Santo s Lima , *A s itacoatiaras d e Ingá*, in "Revist a d o Instituto Históric o e Geográfic o Paraibano" , volum e 12. Joã o Pessoa , 1953.

Não é preciso ser propriamente um especialista em línguas mortas e apenas estar familiarizado superficialmente com os alfabetos antigos, para que se perceba que os petroglifos de Ingá não são uma escritura e que os sinais caprichosamente dispostos não seguem nenhuma ordem, simetria ou relação de tamanho entre si, uma vez que são pouco repetidos. Qualquer rumo que, diante das insculpturas de Ingá, tentasse encontrar semelhanças com letras fenícias ou hieróglifos egípcios, daria apenas mostras de ignorância ou de alienação científica. É insólito e surpreendente que o Padre Francisco Lima (4), historiador e reconhecido mérito em outros temas, jurasse sobre sua fé de sacerdote (*INFIDE SACERDOTIS ET GRADUS MEI*) que se tratava de letras gregas.

Notícias sobre inscrições pintadas ou insculpidas nas rochas são mencionadas também na documentação colonial. Concretamente, o anônimo autor do "Diálogo das Grandezas do Brasil" (5), escrito em 1614, menciona petroglifos encontrados no Estado da Paraíba, porém a lenda em torno da existência de inscrições fenícias foi criada a partir de uma carta, enviada em 1872, a então diretor da Biblioteca Nacional, Ladislau Netto, com a cópia de alguns caracteres fenícios pertencentes a uma inscrição encontrada em Pouso Alto, município de Paraíba do Sul, no Estado do Rio, localizada às margens do rio Paraíba, que corre entre os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, e que fez com que Ladislau Netto acreditasse, um tanto precipitadamente, que se tratava de uma descoberta revolucionária para a historiografia brasileira. Apesar de Ladislau Netto o haver-se enganado — e ter sido por isso duramente criticado por vários autores — ninguém poderá duvidar de sua honradez e sinceridade, lendo o artigo publicado pelo *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 1875, que, por si só, poderia dar por encerrada a famosa história da falsa inscrição fenícia, e que aqui transcrevemos, respeitando a ortografia da época:

"Inscrição Phenicia. Escreveu o Sr. Dr. Ladislau Netto ao *"Jornal do Commercio"* do Rio de Janeiro, 8-5-1875.

Em setembro de 1872 recebeu o ilustrado Marquez de Sapucahy, Pres. do Instituto Histórico, uma carta datada desta corte e assignada por um Joaquim Alvedes Costa comunicando-lhe que em seu sitio de Pouso-Alto, perto da Parayba, seus escravos tinham achado um pedraco com uma letra insculpada das quaes

(4). — Pe. Francisco Lima, *Vestígios de uma colonização pré-histórica*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", volume 12, João Pessoa, 1953.

(5). — *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Introdução de Capistran de Abreu e Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro, 1930.

mandara por um se u filho que e desenhava o seu tanto, fazer um a copia que e junto remetia, affirmo que o mesmo Instituto o tivesse e conhecimento de tais letras para elle inteiramente e desconhecidas. Ora, com o nome do finado Marquez de Sapucahy e nome do nosso Instituto Historicos e occuparam nunc a de linguas orientais, o curioso manuscripto foi i quas e que e recebido sem exame nem observação desta associação que e por simples formalidades entende u remete-lo a unica de e suas secções a que mais pareci a pertence a aquela comunicação — a secção de archeologia de que sou membro.

Mal examinei aquellas caracteristicas reconheci nele sum a inscripção phenicia da mais perfeitas, quanto à forma alphabética, e maravilhado com tão importante e descobrimento e a o mesmo tempo receio de algum a mistificação, entreguei-me e com segredo, mais não maior segredo, à sua interpretação, servindo-me e para isso de um pouco de hebraico que e no sa fazeres deixados pelas minhas quotidianas occupações, havia outrora cultivado. Entretanto desde o primeiro dia comecei a levar mãos a quanto meio se me e deparava para conhecer quem era o Sr. Costa e onde ficava o seu sitio no Pouso-Alto, que e na Parahybá do Sul, que e na do Norte. De que e fadigas me e sobrecarguei então o veio a saber o público pelo razão de que e falarei a o diante: do Almanak do Pais, na lista de Votantes, das agencias de Correio, das autoridades policiaes, de tudo e me utilizei para conhecer a autenticidade daquella inscripção, sem contudo falar a ninguém sobre ella.

E a o passo que e este misterioso e me e afigurava cada vez mais impenetravel e despertava-me e no espirito suspeita de e da para dia maiores, surpreendia-me e acordou que e e achava e a descrição daquella viagem de phenicio desde o mar Vermelho até a costa do Brasil, e a exequibilidade que e dessa viagem e mostravam o trabalho de Maurycy e de seus continuadores sobre as correntes oceanicas, probabilidades tamanhas que e si considerarmos possível a circumnavegação do continente africano pelo phenicio emissario do pharó Nekau, com o nome de Herodoto, e acreditam hoje e muito s archeologos, geographos e orientalistas, força é confessar que e por muito mais possível devemo ste r a vinda involuntária de tais navegantes a o Brasil. Tamanha é a impetuosidade da corrente chamada equatorial ou brasileira que e parte da extremidade meridional do continente africano e me direção à nossa costa, circunstancia esta a que e se reune para maior vigor da conjectura por mim figurada o s temporais que e reina naquella região a o longo da costa da Africa.

Entretanto, passado já seis meses, e tendo por mais o me nos concluida a versão da referida inscripção, e não havendo mais

nenhum auxílio particula r d e qu e m e socorress e afi m d e obte r noticia d o descobrido r daquel e monumento , recorr i par a iss o a imprensa, e entend i deve r faze-l o expond o suscintament e tud o o ocorrido ao s jornal s d a Corte , a que m entã o m e dirig i advert i que tant o e u com o o Institut o Históric o mantinham o s e m reserva - da espectativa a a noss a opiniã o sobr e a autenticidad e d e ta l ins - crição e que , com o que r qu e fosse , e u nã o fari a nunc a um a publicação definitiva a dess e trabalh o se m have r encontrad o o mo - numento original e prova s qu e a autenticassem .

Como er a d e s e esperar , a impressã o inteir a tomo u o maio r interesse pel o assunto ; o public o vivament e impressionad o acom - panhou ess a manifestação , e pouco s mese s mai s tard e a noticia havia transpost o o oceano , circulad o ma o grad o meu , e m larg o ambito do s doi s continentes , ma s tã o alterad a j á qu e e m algun s jornais, n o do s *Debates* d e Paris , appareu com o procedent e d e Guayaquil, n o Peru .

O effeit o da minh a publicação , cuj o unic o fi m er a traze r a lume a orige m d e tã o curios a comunicação , sahio-m e mu i outr o do qu e e u tinh a e m ment e e aguardava . O únic o home m par a quem minh a cart a for a escrit a e publicada : o Sr . Joaqui m Alve s da Costa , proprietári o d e Pouso-Alt o n a Parahyba , nã o a le u por - que ess e home m nunc a existiu . O mistéri o d e ta l individualidade , o mod o porqu e a comunicaçã o chego u a s mão s d o venerand o Marquez d e Sapucahy , e po r últim o a propri a contextur a d e al - gumas palavra s e frase s d a inscriçã o qu e e m part e lembr a o *Penulus* d e Plaut o e m part e o peripl o d e Hanno n e n a su a quas e totalidade algun s livro s d a Biblia , tud o iss o m e trazi a ultimament e em crescent e desconfianç a a qu e vei o da r maio r vult o a opiniã o de algun s sabio s a que m havi a consultado , expond o esta s mesma s dúvidas.

Nã o hesitei mais , e desd e entã o assente i d e empenha r quant o em mi m dependess e par a elucidar a questão , ponderand o qu e se algum a satisfaçã o m e havi a cabid o co m a decifraçã o d a ins - crição, maio r m e haveri a d e causa r o descobriment o d o se u autor . O mei o d e qu e par a iss o m e serv i fo i a comparaçã o d o autograf o de vario s orientalista s qu e julgue i mai s capaze s dess a fraud e co m a cart a original d o pseudo-Costa .

Felizmente, vei o a final a cair-m e na s mão s a prov a irrecusa - vel por tanto e tã o anciosament e esperada . O ardi l sai u d a penum - bra d a suspeit a e m qu e e u at é al i entrevi a e vei o afrontar-s e co - migo a mai s viv a luz d a conficção .

Quem sej a o auto r dest e artifici o qu e imens o trabalh o lh e de - ve te r exigid o e cuj o fi m nã o atin o e m sabe r qua l haver á sido ,

não sere i e u o primeir o a dizer . S e lh e caire m so b a s vista s a s presentes linhas , com o creio , ver á o ilustrad o orientalist a qu e de h á muit o er a e u senho r d o se u segred o e qu e s e corr o hoj e a desvenda-lo nest a mesm a impressa ond e h a pert o d e doi s ano s teve orige m a publicid e d e su a comunicaçã o , é porqu e est e as - sunto qu e n o Brasi l parec e te r descid o a o p ó d o esqueciment o e da indiferença , ressurge cad a di a mai s ruidos o e mai s veement e a interrogar-me d a Americ a d o Norte , d a França , d a Alemanh a e d a Inglaterr a ond e muita s sociedade s sabia s o discute m e inú - meros jornal s literário s o publica m e po r qu e n o carate r oficia l em qu e desse s paise s m e vei o interpelad o miste r é qu e e u dig a a verdade se m rebuç o afi m d e qu e me u silenci o nã o m e represent e algum di a ao s olho s d e que m que r qu e sej a co m autori a o u cum - plicidade nest e ardi l par a o qua l sint o qu e ne m s e m e ajeitari a a própri a índole , ne m m e bastari a o pouquíssim o qu e conheç o das língua s semíticas" .

Ao qu e parece , a cart a fo i ignorad a pelo s qu e nã o queria m re - nunciar à tes e d a colonizaçã o fenici a n o Novo Mund o e s e fala , at é hoje , d a inscriçã o encontrad a n o inexistente e lug a r d e Pouso-Alto . Precisamente agora , quand o s e completa m ce m ano s d a publicaçã o de Ladislau Netto , quisemo s recorda r o trabalh o dest e pioneir o d a Ar - queologia brasileira e su a busca sincer a d a verdade .

Ainda que existisse alguma dúvida das intenções de Ladislau Netto a respeito da autenticidade da suposta inscrição fenícia, há também uma carta d o mesm o dirigid a a Ern e s t Rena n (6) , publicad a e m 1885 , cujo trecho mais importante transcrevemos :

"Ah! permettez-mo i d e vou s l e dire , illustr e e t che r maitre , j'éprouvai à ce t instan t l a mêm e impressio n mélancoliqu e e t pou r ainsi dir e aigré-douc e qu e l'o n ressen t lor s que , ma l éveill é encore , on voi t fui t le s derniere s image s d'u n song e délicieu x e t l a pénom - bre d u rêv e fair e plac e à l a lumièr e d u jou r qu i nou s rapell e au x tristes réalité s d e l a vi e matérielle :

L'inscription phénicienn e d e l a Parahyb a étai t un e inscriptio n apocryphe".

Mas, apesar das declarações de Ladislau Netto e ainda da circuns - tância d e qu e Rena n tambe m a considerass e apócrifa , divulgou-s e a

(6). — Ladislau Netto , *Le verité sur l'inscription d e l a Parahyba avec le facsimile des caracteres pheniciens, la traduction en hebreu et français: lettre à M. Ernest Renan à propos de l'inscription phenicien, apocriphe, sudmise à l'Institut Historique, Geographique e t Ethnographique d u Brésil*. Ri o d e Janeiro , 1885.

"tradução" de uma inscrição de caracteres fenícios, atribuída a Renan, encontrada na Paraíba do Norte, mais ou menos em 1880, segundo informação do Padre Lima (7) — que, por sua vez, a copia do cônego Dr. Florentino Barbosa — e que supostamente diria :

"Este monumento de pedra foi por Cananeus Sidônios, que para fundar colônia sem pais longínquo, montanhoso e árido, sob a proteção dos deuses e deusas, puseram-se em viagem no 19º ano de Hiram, nosso poderoso rei".

O trecho não é mais que um fragmento da interpretação que Ladislau Netto deu a o famoso texto, antes de se convencer de que era apócrifo.

Aliás, com relação à suposta inscrição fenícia e à problemática que levantou, desde seu aparecimento, temos o bem documentado artigo de Gerald Joffily (8) do qual só temos que e lastimamos a dureza e a injustiça com que tratamos Ladislau Netto, chamando-o de mentiroso e falsário, tão somente preocupados em se promover, e, ainda, a acusação de que insinuar a que a falsa inscrição fenícia havia sido urdida pelo Imperador Pedro II. Nenhum a dessas duras acusações se depreendem das publicações ou do comportamento de Ladislau Netto, que, sendo pessoa respeitada e ocupando alto cargo na Corte, não teria por que desmentir ou confessar a falsidade da inscrição que ele próprio tivesse inventado. Se não se tratasse de uma pessoa falecida há muito tempo (1894), poderíamos pensar num rancor pessoal do Sr. Joffily contra Ladislau Netto, com relação a quem, além de injustiça, comete alguns erros de interpretação. Na página 17 do mencionado artigo, escreve:

"Não há dúvida que o precedente das muitas pedras encontradas com sinais indicava a Paraíba com a região do Brasil mais propícia para qualquer arranjo fraudulento".

E ao fazer uma breve biografia de Netto, comenta:

"Ladislau Netto nasceu na então Província da Alagoas (bem próxima à Província da Paraíba do Norte)..."

(7). — Clovis dos Santos Lima, *As Itacoatiaras de Ingá*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", volume 12, João Pessoa, 1953.

Cônego Florentino Barbosa, *Homens civilizados no interior da Paraíba, há muitos séculos*, in revista "Nacionalidade". Maio-junho, 1952.

(8). — Gerald Joffily, *A inscrição fenícia da Paraíba*, in "Revista de História" n.º 93. Janeiro-março, volume XLVI, São Paulo, 1973.

O que pretende o Sr. Joffil y insinuar com estas afirmações? Que Ladislau Netto escolheu a Paraíba para inventar sua inscrição o porquê nessa província já havia aparecido outras inscrições, juntando a este detalhe sua qualidade de nordestino de Alagoas

"bem próximo da Província de Paraíba do Norte"?

É possível que, dentro das distâncias continentais do Brasil, possa considerar-se Alagoas como o bem próximo a Paraíba, ignorando-se Pernambuco, embora não se pareça a uma visão por demais simplista da geografia do Nordeste. Além disso, Ladislau Netto nunca se referiu à descoberta dessa inscrição na Paraíba do Norte, com o seu depreendimento das repetidas referências feitas à Paraíba do Sul e do título de seu trabalho *Carta relativamente à inscrição de uma pedra encontrada em terras pertencentes a J. Alves da Costa em Pouso Alto, termo de Minas Gerais* (9).

Em defesa de Netto, queremos apenas citar as palavras muito mais moderadas que lhe dedicou Angyon e Costa (10), que o considero como um dos primeiros arqueólogos brasileiros:

"incidiu em erros, que passava com o verdades não se tempo, mas que não lhe diminuiu o valor".

A tradução mais difundida da suposta inscrição fenícia da Paraíba, é a de Cyrus Gordon (11), que levantou, em 1968, a questão já quase esquecida das inscrições fenícias no Brasil. O assunto foi ventilado pela imprensa, invocando-se a reconhecida autoridade em línguas mediterrâneas do Professor Gordon. Se, por necessidade e dúvida dos conhecimentos de Gordon, é preciso deixar-se bem claro que sua interpretação está baseada numa cópia chegada às mãos de Ladislau Netto há mais de cem anos, procedente de um lugar desconhecido e encontrada por um a pessoa ou por pessoas que e nunca existiram, com o seu deduz claramente da carta de Netto tornada pública na imprensa do Rio de Janeiro. Eis aqui a tradução de Gordon:

(9). — "A Reforma", 2 de abril de 1873 e "Jornal do Commercio", 16 de abril de 1873.

(10). — Angyon e Costa, *Ladislau Netto e m Indologia*, Biblioteca Militar, volume LXXI e LXVII, Rio de Janeiro, 1943, página 100.

(11). — Cyrus Herzl Gordon, *The authenticity of the Phoenician Text from Parayba*. ORIENTALIA, XXXVII, 1968.

Seguiram-se sériede debates a favor e contra a autenticidade da inscrição, resumidos no mencionado artigo de Gerald Joffil y (vide nota 8), no qual chama Gordon de sensacionalista, sem que lhe faltasse razão.

"Somos filhos de Canaã, de Sidon, a cidade do rei. O comércio nos trouxe a esta distante praia, uma terra de montanhas. Sacrificamos um jovem aos deuses e deusas exaltados no ano 19° de Hiran, nosso poderoso rei. Embarcamos em Ezion-geber no mar Vermelho, e viajamos com 10 navios. Permanecemos no mar juntos por dois anos, e voltamos à terra pertencente a Ham (África), mas fomos separados por uma tempestade e nos afastamos de nosso companheiro e assim aportamos aqui, 12 homens e 3 mulheres. Num a nova praia que eu, o almirante, controlo. Mas auspiciosamente possa o exaltado deuses e deusas intercederem em nosso favor".

Gordon considera a inscrição autêntica, porque ninguém poderia ter inventado, há um século, vocábulo e forma gramaticais fenícias que eram desconhecidas, e mesmo do século passado, e que só seria conhecida muito depois, com a descoberta de outras inscrições fenícias.

Mas, nada impedir a quem "o orientalista", a quem Nettó acusa, sem citar o nome, a copiar e de uma autêntica, encontrada em algum lugar do Mediterrâneo, com a estela moabita de *Mesa*, descoberta em 1869, e com a qual tem indubitáveis pontos de semelhança, criando-se a fraude que se arrastou até os nossos dias.

Agora, podemos nos perguntar: qual é a relação entre essa inscrição fenícia que nunca foi vista por ninguém, supostamente encontrada no sul do Brasil, e os petróglifos de Ingá, no Nordeste? A explicação está, em parte, na frase final do fragmento da carta de Ladislau Nettó a Renan, que já transcrevemos. A chamada Paraíba do Sul foi anexada ao Estado do Rio de Janeiro, porém o nome de Paraíba foi mantido para o Estado nordestino. A existência de inscrições indígenas, com o de Ingá, a quem nos referimos, no Estado da Paraíba do Norte, e o episódio da suposta inscrição fenícia na antiga Paraíba do Sul foram suficientes para quem a confundiu de uma com a outra (suposta e real) se mantivesse durante anos, e daí em diante identificar-se todas as inscrições da Paraíba com a obra de fenícios não foi mais que um passo. Para isso contribuíram — e não pouco — junto aos eruditos locais, o grande número de "sábios" europeus que, no século passado e no começo deste, percorreram o Brasil dando notícias de cidades misteriosas e civilizações perdidas nas florestas, expondo, muitas vezes, teorias absurdas que não encontrariam eco e fosse pronunciada por eruditos do País, mas quem impressionava quando exposta por estrangeiros de impronunciáveis nomes germânicos. De todos eles, é provável que o mais pitoresco seja a um tal Ludwig Sehwhennhagen, austríaco que se diz professor de Filosofia e História, membro da Sociedade de Geografia Comercial de Viena e que, na primeira sessão

cadadas deste século, viajou pelo interior do Brasil, particularmente pelo Piauí, desaparecendo, um dia, sem deixar rastro. Em Teresina, capital do Piauí, onde obteve prestígio entre as autoridades locais, os que o conheceram lembram-no com o um alemão de aparências afáveis e tranquilas, muito inclinado à cachaça, e que andava estudando ruínas e inscrições. Era também conhecido pelo nome de Ludovico Chovenagua, pela dificuldade que se tinha de se pronunciar seu nome. Escreveu um livro, compêndio enorme de absurdos, com o título de *Antiga História do Brasil (de 1100 A. C. a 1500 D. C.) Tratado Histórico*, publicado pela Imprensa Oficial de Teresina (Piauí), em 1928, e do qual basta citar alguns capítulos para se perceber a fantasia e falta de conteúdo histórico: "*As frotas de Hirán e Salomão no rio Amazonas*", "*A participação dos cartagineses na colonização do Brasil, A expedição da frota de Alexandre Magno à América do Sul, em 328 a. C.*", etc. . . . At é aqui, o livro não passa de uma curiosidade bibliográfica mais entre os muitos absurdos que foram escritos, mas o insólito é que tenha sido publicada uma segunda edição, em 1970, no Rio de Janeiro, pela Editora Cátedra, com uma ampla introdução de Moacir C. Lopes, dando com o resultado de "exaustiva pesquisa" todas as loucuras do simpático Professor Loudovico, o que prova até que ponto está ainda arraigada a certa crença na historiografia brasileira. Este não é um caso isolado e poderíamos repetir uma infinidade deles. Basta citar o mais recente, com o título de *Pré-história brasileira. Fatos e Lendas*, São Paulo, 1971, de Renato Castelo Branco, apresentado com o minucioso investigado da pré-história brasileira, que expõe teses como estas: "Teria existido no Brasil uma escrita-mãe, da qual todas as demais escritas arcaicas seriam derivadas?", "Da existência de um império colonial fenício no Nordeste Brasileiro", "Teria São Tomé estado na América do Sul, e particularmente, no Brasil, em suas pregações?"

O próprio Anibal Mattos (12), um dos principais escavadores das cavernas de Lagoa Santa, pesquisou a obra de Schwennhagen e seus congêneres a respeito da possível colonização dos fenícios no Brasil, sem afirmar e sem negar nada, considerando-os com o trabalho científicos.

Outro caso que merece registro especial é o da obra de Bernardo Ramos (13), que recolheu cerca de 3.000 inscrições do Brasil e de outros países da América. Ainda que a obra tenha o interesse do acúmulo de materiais, deveria ser totalmente revisada e os lugares no-

(12). — Anibal Mattos, *O homem das cavernas de Minas Gerais*. Editora Itatiaia. Belo Horizonte, 1961.

(13). — Bernardo de Azevedo da Silva Ramos (vide nota 1).

vamente identificado s por causa da quantidade e interpretação fantásticas de seu autor, que encontra letras gregas em toda parte. A título de curiosidade, transcrevemos o parecer concedido à obra, pelo Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, e que aparece no princípio do primeiro volume:

"A Comissão de Arqueologia, examinando o trabalho apresentado pelo Coronel Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, sobre "Inscrições e Tradições do Brasil Pré-histórico", considerando:

Que isolados os símbolos das inscrições exibidas correspondem à sua caracterização de alfabetos phenícios, grego paleográfico, grego e inscrição, hebraico, árabe e chinês;

Que a coordenação dos caracteres forma palavras:

que a sucessão das palavras, assim representadas, forma sentido;

que a autenticidade das inscrições é assegurada, ora pelas fotografias, ora pela autoridade das obras de onde foram extraídas;

que as tradições referidas no trabalho estão vulgarizadas por autores cuja competência não se pode contestar;

que os desenhos da cerâmica, representada nesse trabalho, correspondem ao estilo grego;

que esses desenhos, pela sua precisão e simetria, jamais poderiam ser feitos pela tribo indígena, existente no Brasil por ocasião de sua descoberta;

que aquela inscrição foi provavelmente produzida por mão humana e habil;

Resolve julgar o alludido trabalho digno de ser aprovado e aceitar as suas respectivas theorias e conclusões,

Manaus, 4 de maio de 1919".

A cerâmica que o autor apresentou com o grego é a da ilha de Marajó, no Amazonas, que corresponde ao estágio cultural mais avançado do Brasil primitivo, caracterizado sobretudo por sua magnífica cerâmica, que apresenta decoração policromada e em relevo.

Como inscrição grega, é considerada a de Ingá, na qual Ramos identificou

"os nomes de alguns planetas e signos zodiacais, escritos em grego paleográfico, assim traduzidos: Helios (Sol), Selen (Lua), Ares (Marte), Aphrodit (Venus), Zeus (Jupiter), Taurus (Touro), Krios (Carneiro), etc."

Foi precisamente defendendo a interpretação de Ramos, que o Padre Lima (14) jurou, por sua fé de sacerdote, após ver a rocha onde se encontra a inscrição, ter lido a palavra *Helios*, em grego.

"Vi mais várias letras gregas destacadas ou conjugadas, mas perfeitamente legíveis, em baixo relevo, rasgadas em plena rocha",

diz o ingênuo padre.

Não esgotamos a lista — que resultaria interminável de interpretações fantásticas a respeito de colonizações antigas do Brasil, — referindo-nos apenas ao autor que tratara concretamente da inscrição de Ingá, já que são numerosos os tratados com títulos tão sugestivos como a obra de Henrique Onofre e Thormon, *"Antiguidade da Navegação do Oceano, das viagens dos navios de Salomão ao rio Amazonas, Ophir, Tarchisch e Parvoin (1905) o uo de Frederico Rathe"* *"Notícia etnológica sobre um povo que já habitou as costas do Brasil bem como o interior, antes do Dilúvio Universal"* (1871).

Não podemos deixar de mencionar, para completar o quadro das interpretações sobre os petroglifos de Ingá, a teoria autoctonista, levada a sua máxima consequência, formulada por Domingos Margarinos, autor de *Muito Antes de 1500*, pelo próprio Clovis Lima e alguns outros. Fiel seguidor de Florentino Ameghino, criador do paleoíndio autóctone terciário, Margarinos escreveu nessa obra:

"A paleoepigrafia brasileira e a paleoepigrafia americana são absolutamente autóctones, aborígenas, originárias do Brasil e da América, berço originário da grande raça troncal que foi a primeira a falar essa língua também primitiva, universal, e a traçar essa escrita, também primitiva, universal, mais tarde, muito mais tarde, levada aos confins orientais da Ásia, que a sua propagação por todo o mundo e daí essa semelhança, essa identidade, que a fez, portanto supor fenícias, hebraicas, árabes, egípcias, gregas ou chinesas".

"As itacoatiaras de Ingá falarão mais alto pela sua maior complexidade e perfeição, principalmente, pela sua posição geográfica. Saberão todo o que ela representa ainda o testemunho do fastígio, da cultura e da civilização de homens de eras distantes, culturas reveladas através de desenhos murais, de baixo relevo, pinturas e cerâmica e símbolos".

(14). — Pe. Francisco Lima, *Vestígios de uma civilização pré-histórica*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", volume 12, João Pessoa, 1953, página 127.

Como vemos, a famosa frase de Ameghino,

"A América é a Pátria original do Homem",

expressa em sua obra *La Antigüedad del Hombre en el Plata*, tem seus adeptos, na hora de uma explicação sobre o significado das inscrições de Ingá.

A idéia de atraso cultural do índio brasileiro e a crença de que os europeus encontraram o remanescente de uma antiga cultura superior, já em estado de decadência física e moral, não é única, e encontramos em muitos autores, seja insinuada ou claramente exposta, como podemos concluir das palavras de Clóvis Lima:

"Se não encontramos a o tempo da descoberta da América o nosso indígena num grau de civilização mais adiantado, ao contrário, muito atrasado, deve-se à involução da raça através de milênios, tempo em que nem mesmo o granito resistiu".

Para esse autor, as itacoatiaras de Ingá

"são a prova mais exuberante da idade da escrita que tem resistido à ação de fatores externos..."

Nessa escola autoctonista, também partidária da existência de culturas superiores existentes no Brasil há milênios, e, posteriormente, regredidas, temos no alagoano Alfredo Brandão um defensor de imaginação fértil. Médico, botânico, historiador, arqueólogo e pesquisador dos petroglifos brasileiros, admite em sua obra (15) a existência de uma língua primitiva universal e uma escrita primitiva também universal,

"escrita que evoluiu em certas regiões, que estacionou em outras, chegando ao ponto de desaparecer, com o que acontece entre os nossos aborígenes. É dessa escrita primitiva, dessa escrita mater, que vamos encontrar os restos, ainda em sua forma simples e originária, nos grosseiros riscos dos rochedos do Brasil e na louça de Marajó".

Brandão vai mais longe. Depois de levantar a hipótese de que as inscrições brasileiras sobre rocha, são a escrita-mãe de todos os sistemas atualmente existentes, usando o sistema *boustrophedon*, passamos

(15). — Alfredo Brandão, *A Escrita Pré-histórica no Brasil*, Coleção "Brasiliana", volume IX, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937.

a decifrar e traduzir algumas das inscrições do País, conhecidas em sua época, entra a sua qualificação especial atenciosa à pedra lavrada da Paraíba, com o não poderi a deixar de ser. Para ele, a inscrição forma *signos mnemônicos isolados*, sem conexão entre si, formando temas e assuntos diferentes. Apesar de não o conhecer os sinais pessoalmente (uma vez que se baseia em Retumba) aventurou-se a traduzir um grupo deles, nos quais encontrou um sentido cosmogônico. Eis a tradução (16):

"O Senhor Deus Mbú, o grande Criador, semeou os germes, fecundou a terra e fez surgir o fogo, e fez surgir o homem (o animal) e a planta".

Teodoro Sampaio (17) considera que, em geral, as inscrições em cavernas e paredes de rochas indicam necrópoles de índios e

"muitas vezes, pela natureza do desenho, significam o nome do indivíduo morto e em sua última morada".

Nenhuma descoberta arqueológica justificasse a afirmação; os sepultamentos indígenas não aparecem, a o que sabemos, associados a nenhum tipo de inscrição, nem temos conhecimento de descobertas funerárias nos arredores de Ingá. Por outro lado, a tendência do selvagem é esconder o morto e não indicar seu destino com alguma inscrição que possa mostrar o túmulo e expô-lo à violação. Às poucas vezes em que inscrições e sepultamentos aparecem próximos uns dos outros, podem sugerir relacionamentos culturais mas não fazem parte do mesmo ato funerário.

A tentativa de José Antero Pereira Júnior (18) de relacionar a inscrição de Ingá com a da Ilhada da Páscoa carece de fundamento, não apenas pela falta de rigor científico de seu autor ao tratar do tema, dando com certeza hipótese — que não é originalmente sua, mas

(16). — Alfredo Brandão, *ob. cit.*, pág. 231. lâmina X e página 95. É possível que a tradução de Brandão não se refira concretamente à inscrição de Ingá, já que ele a cita com o "pedra lavrada da Parayba". Alguns dos sinais desenhados por Brandão na lâmina X de seu livro, podem identificar-se em Ingá, porém poderia ser também de outra inscrição paraibaná descoberta pelo engenheiro de Minas Retumba que, aliás, tem sido confundida repetidas vezes com a de Ingá, fato já apontado por A. Pereira Júnior (*Itacoatiaras* in "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", XC, 1943). Seja uma ou outra a inscrição a que Brandão se refere, a tradução não o deixa de ser totalmente absurda.

(17). — Teodoro Sampaio, *Arqueologia brasileira* in "Dicionário Histórico, Geográfico e Etnológico do Brasil", volume I, Rio de Janeiro, 1922.

(18). — José Antero Pereira Júnior, *Itacoatiaras*, in "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", n.º XC, 1943. *Considerações a respeito de alguns dos sinais da Itacoatiara de Ingá*, in "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", n.º XC, 1943.

baseada em vários outros autores — de que as escritas suméria, hitita, protoelamita, cretense, egípcia e a do vale do Indo, têm um único ponto de partida, a ilha da Páscoa, no Pacífico. O tipo de sinais que compara não leva à conclusão alguma. Desenhos circulares, cruciformes, em aspas, espirais, serpentiformes, formando folhas ou flores esquemáticas aparecem em rochas e cavernas do mundo inteiro, tanto na Austrália como na África ou nos monumentos megalíticos europeus. São desenhos primários que poderiam ser traçados também instintivamente por duas crianças antípodas da mesma idade. Não significa necessariamente relações ou contatos culturais. Já diz a Mendes Corrêa (19) que o seu desenho rupestre não é encontrado e todo o seu povo com o seu patrimônio comum, sem nenhuma interdependência, tratando-se de uma criação espontânea e intuitiva.

A identificação de batráquios e répteis (serpentes e lagartos, principalmente) não estabelece, por si só, relações entre áreas culturais, já que essas animais formam uma fauna comum a qual o índio estava habituado.

Observa-se facilmente que os sinais da pedra de Ingá não seguem uma ordem nem de tamanho nem de direção, ao contrário das famosas táboas da Ilha da Páscoa que formam indubitavelmente uma escrita com sinais ordenadamente dispostos, do mesmo tamanho e compondo linhas. Não o seu deveria ter esquecido, ante a tentativa de estabelecimento de relações tão improváveis, a inexistência de elementos arqueológicos e culturais que poderiam de alguma forma relacionar grupos humanos separados por milhares de quilômetros de mares e cordilheiras. A comparação dos sinais de Ingá com a sua tabuinha de Páscoa não resiste a uma análise séria, sendo por demais conhecida as origens melanésicas e polinésicas da cultura pascoense.

Antônio Freire (20) no seu livro *Revoltas e Repentes* dedica um capítulo aos petroglifos de Ingá, e depois de percorrer rapidamente opiniões alheias sobre o tema, chega à conclusão que

"a verdade é que as inscrições rupestres de Ingá e de outras regiões espalhadas pelo Brasil não foram insculpidas por um índio qualquer, senão produto de civilização alienígena aponta Paulo", n.º XCV, 1944. *Itacoatiara de Ingá*, in "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", n.º XCIV, 1943. *Achêgas a "algumas itacoatiaras paraibana"*, in "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", n.º CX, 1946. *Em torno do Problema "Pascoa-Ingá" e outras considerações*, in "O Estado de São Paulo", 29-1-1950. *Introdução a o estudo da Arqueologia brasileira*. São Paulo, 1967.

(19). — A. Mendes Corrêa, *Gravuras rupestres no Brasil*. Porto, 1932.

(20). — Antônio Freire, *Revoltas e Repentes*. (Cap. V. Itacoatiara e de Ingá) João Pessoa, 1974.

das por aqui e m época s remotíssimas . Não o for a assim , com o s e explica a s obra s monumentai s erguida s n a Améric a d o Sul" ?

A tendênci a d e ve r e m toda s a s descoberta s arqueológica s refe - rências a cultura s antiquíssimas , sempr e anteriore s à s ocupaçõe s indí - genas conhecidas no tempo da conquista, aparece patente em cada nova descoberta. Recentemente , n o jorna l *O Globo*, indagava-s e sensacio - nalmente

"que grup o indígen a pré-colombian o d e adiantad o estági o cultural teri a habitad o o sudoest e paraibano , deixand o l á peça s de cerâmica a cuja origem at é hoj e nã o fo i explicada? "

O achad o d e peça s d e cerâmica mesm o decorada , nã o signific a por ela s mesma s nenhu m grup o "d e adiantad o estági o cultural" , fat o que a Arqueologia mundia l te m demonstrad o fartamente ; a s igaçaba s que vêm send o recolhidas n a Paraiba, quas e sempre produto s de achad os arqueológicos casuais, são perfeitamente atribuíveis às tribos *carirí*, que habitava m o interio r d o Estad o at é o se u quas e extermínio , no s séculos XVII a XIX.

Vejam os agor a qua l seri a a interpretaçã o mai s lógic a par a o s sinais de Ingá e seus congêneres brasileiros, sabendo-se preliminarmente que nã o s e trat a d e um a escrita , porqu e nenhu m pov o primitiv o d o continente sul-american o utilizo u sistem a gráfic o par a expressa r se u pensamento.

A simple s diversã o o u o entreteniment o d e índio s se m te r o que fazer, os *ludus homini*, com o foi definido pelo francês Brunet, a serviço de Pedr o II , nã o no s parec e a mai s lógica . Grava r aquele s grafitos no *gneiss* duríssimo, n o meio d o rio, nã o devi a se r divertido . Seria quas e com o admitir-s e qu e o s homen s d a cultura megalítica a le - vantassem o s menhire s par a mata r o tempo . Nã o h á duvid a qu e o s petroglifos tê m um a significaçã o religiosa , e qu e o ri o seria , co m certeza, um lugar de culto . Inscriçõe s d o mesm o tipo da s d e Ingá fora m encontradas em Passage m (Paraiba), n o ri o d a Farinha, tambe m num local de rocha s dentr o d'água, d e difícil acess o e, e m geral, a s itacoa - tiaras paraibanas e de outro s estado s nordestino s encontram-s e junt o a cascatas e rochas entre rios.

Somente que m conhec e a imensidã o e a pobrez a do s sertõe s d o Nordeste brasileiro pode compreender a importância, a magia, quas e o milagre que significa um curs o d'água . Po r outr o lado, nã o é novida - de que o s rios sempre tenha m sid o lugare s sagrados, e m toda s a s civi - lizações antigas , d a mesm a form a qu e o sol , a lua , o s astro s o u a s forças d a natureza .

O maior erro está em se querer encontrar, por todos os meios, um significado ideográfico, e quando o sinal não se parece com nada animado ou inanimado, recorrer-se à comparação dos sinais igualmente misteriosos. Tampouco podemos considerar esses petroglifos como manifestações puramente artísticas. Impõe-se a intenção mágico-religiosa. A magia não é acessível a todos. O seu grande poder está exatamente no mistério; é apenas patrimônio de iniciados. Somente o bruxo ou feiticeiro conhece o significado daqueles sinais, que sem dúvida nenhuma *têm* um significado, mas que somente *ele* conhece. Poderíamos compará-los com o logotipo de uma firma comercial ou com o anagrama de um a seita religiosa. O seu meio de comunicação obrigam-nos a identificá-los e relacioná-los de uma forma quase inconsciente, mas a um grupo humano que não tivesse sido informado de seu significado, poderia decifrá-lo?

Acreditamos que a explicação do significado mágico-religioso é a mais verossímil e que, inclusive, os petroglifos foram deliberadamente realizados com uma intenção cabalística, procurando fazê-los incompreensíveis a qualquer estranho que não pertencesse à tribo ou ao grupo dos não iniciados na magia da mesma.

A explicação dada por Alfredo de Carvalho (21) não nos parece aplicável ao caso de Ingá. Segundo a tese negativista deste autor, sendo o índio por natureza preguiçoso e indolente, a profundidade dos traços na rocha não poderia explicar a colaboração de muitas gerações sucessivas.

"Da mesma sorte que o indígena, em horas de ócio, se armava de um carvão e traça, na superfície de sua choupana, figuras mais multiformes", escreve Alfredo de Carvalho, "assim também o aspecto do paredão lizo de uma rocha ostentava o exercício de sua arte infantil. Em vez do pedaço de carvão, serve-se dum pedaço agudo esboçando qualquer desenho. Tempo depois, um outro indígena passa pelo mesmo lugar, fere-lhe a vista a figura traçada na superfície escura da rocha, obedecendo ao instinto de imitação, pega dum pedaço, brincando, vai aprofundando os contornos do desenho original. Outro indígena segue o seu exemplo, e assim por diante; de cada vez mais se pronuncia o sulcos e, pouco a pouco, talvez só depois de muitas gerações, chega a ter a profundidade e hoje tão admirada pela maioria dos investigadores e por eles considerada como o resultado do labor prodigioso dum só indivíduo, ou atribuída a um grau de cultura superior".

(21). — Alfredo de Carvalho, *Pré-história sul-americana*. Recife, 1910, página 248.

Ainda que esta explicação de A. de Carvalho pareça a lógica e aceitável em alguns casos, não é aplicável quando se considera que o petroglifo foi gravado em lugares de difícil acesso, intencionalmente, e pelo qual, dificilmente, um indígena passaria e um simples passeio.

Muitas inscrições foram gravadas em lugares difíceis e até perigosos de serem alcançados. A intenção de proteger as gravuras e pinturas do acesso a estranhos parece clara e em muitas delas, da mesma maneira que se observa nas pinturas rupestres das cavernas franco-cantábricas. Tampouco podemos esquecer a natureza supersticiosa e inata do selvagem, que o inclina a respeitar e temer as coisas desconhecidas. No caso de Ingá, não podemos aceitar a explicação simplista de Carvalho, porque o petroglifo forma um painel contínuo e perfeitamente marcado por uma linha de pontos. A profundidade e a largura do traço que forma o desenho, são uniformes em todo o conjunto com as medidas que demonstramos nas páginas anteriores. Os petroglifos de Ingá são, sem dúvida, o resultado de um trabalho intencional e foram realizados numa mesma época e com uma única técnica.

Numerosas notícias assim com o desenho e decalques de inscrições chegaram à nossa mão, alguma inédita e outra obtida através do levantamento bibliográfico da região a que estamos nos referindo.

Seguindo o critério a que nos propusemos, não daremos, neste trabalho, nem nos seguintes, notícia alguma sobre inscrições que não tenhamos visto e fotografado pessoalmente, com o ponto final à necessidade de uma definitiva desmitificação dos petroglifos brasileiros. Como já adverti Tristão de Alencar Araripé (22), a o publicar notícias arqueológicas sobre o Ceará, a maioria delas

"não passavam de fantásticas criações de mentes dadas ao gosto do maravilhoso e das fábulas absurdas".

Muito se tem tentado ler, traduzir, interpretar ou comparar petroglifos brasileiro com outras escritas do Velho Mundo, mas o que até agora ninguém tentou, seriamente, foi relacionar a *Itacoatiaras* nordestinas com o grupo indígena que habitara a região antes da chegada dos europeus. Para isso, contribui, não pouco, o desconhecimento arqueológico da região e a falta quase absoluta de escavações arqueológicas no Nordeste. Os conhecimentos limitam-se e a o

(22). — Tristão de Alencar Araripé, *Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", nº 1, 1ª parte, Rio de Janeiro, 1887.

achado casua l e a o trabalh o sempr e meritóri o d e aficionado s locais . Mais adiantado s está o s estudo s d e Antropologi a Cultura l e par a o conhecimento do s grupo s indígena s dest a extens a part e d o Paí s é imprescindível a leitur a d a obr a d e Estevã o Pinto (23) , e , particular - mente, e m relaça ò à Paraíba , o trabalh o d e L . d e Clerot , j á citado .

Estevã o Pinto inicio u se u trabalh o co m o testemunh o d e Ro - quette-Pinto (24) qu e afirmara , h á mai s d e 50 anos , qu e a

"Arqueologia brasileira era , sobretudo , u m capítul o d e pur a etnografia".

Hoje, mei o sécul o depois , o conheciment o arqueológic o d a re - gião nordest e continu a send o tã o precári o que , soment e recorrend o à s notícias qu e s e te m do s índio s e m tempo s j á histórico s pós-colombia - nos, é que podemos ter uma idéia do panoram a e m época s mai s antiga s .

Angyone Costa (25) a o referir-s e ao s sítio s arqueológico s d o Paí s e su a distribuiçã o nas . diferente s zona s geográficas , escreverei a

"a zon a chamad a d o Nordeste , ist o é , tod a a faix a litorâne a sub-tropical, qu e s e estend e d o nort e d a Bahi a at é a embocadur a do Parnaíba , na s proximidade s d o Maranhão , nã o apresent a ne - nhum centr o arqueológico , apesa r d e tod a el a te r sid o habitada , de velh a data , po r antiga s e variada s naçõe s indígenas . Ess a solu - ção d e continuidade e be m pod e se r explicad a aqu i pel a influênci a do clim a que , sujeitand o a zon a a prolongada s estiagens , impe - diria o s longo s estacionamento s e m sua s praia s calcinadas , tor - nando instáve l a fixaçã o do s seu s primitivo s povoadores .

Tambem a s luta s ocorrida s depoi s d a conquista , entr e o s por - tugueses e a s diversa s tribo s d a região , entr e essa s entre s i e , aind a entre portuguese s e holandeses , e portuguese s e franceses , qu e s e disputavam o domíni o d a região , interessando , e m luta s armadas , as família s indígenas , pode m se r outr o fato r altament e apreciave l a explica r a anomali a qu e s e not a ness e seto r d o litoral" .

Acontece pore m qu e o litora l est á sujeit o a chuva s periódica s abundantes e a regiã o cont a co m numero s curso s d e água , embor a o exativ o deflorestament o e o consequent e desapareciment o d a cha -

(23). — Estevã o Pinto , *O s indígenas d o Nordeste*. Coleçã o "Brasiliana" , volume 44 . Companhi a Editor a Nacional , São Paulo , 1938 , págin a 112 .

(24). — Roquette-Pinto , *Arqueologia e Etnografia e m Impressões d o Brasil n o Século Vinte*. Londres , 1913 , págin a 52 .

(25). — Angyon e Costa , *Introdução à Arqueologia brasileira*. Coleçã o "Brasiliana", volum e 34 . Companhi a Editor a Nacional , São Paulo , 1959 , pá - gina 175 .

mada *mata atlântica* tenha contribuído não pouco para o aumento das tremendas secas que, periodicamente, assolam a região que, possivelmente, não foram tão acentuadas quando a floresta era mais extensa.

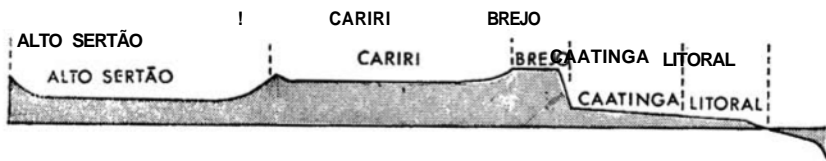
O extermínio dos índios por parte dos portugueses, franceses e holandeses deve haver contribuído, e muito, para a rápida extinção das *nações* indígenas. A região e o monumento de Ingá está situado, na base da serra da Borborema, numa planície entre a faixa litorânea e o alto sertão, com altitudes médias de 600 mts., onde alguns picos ultrapassam os 1.000 mts.; tem um clima semi-árido e, devido à altura, a temperatura é mais amena que na costa, com médias anuais de 21 graus. Esta região foi habitada até a chegada dos europeus. Sua posterior ocupação, causou o deslocamento ou extermínio dos índios da nação "*carirí*", que dá nome à parte do altiplano em que se encontra a inscrição (veja-se a fig. 1.).

A tradição de que eram originários de um grande lago sagrado e a decoração de algumas de suas cerâmicas, parecem indicar que procediam da região amazônica, estabelecendo-se no Nordeste e pelo altiplano e serra da Borborema, *carirís velhos* e *carirís novos*, sem se aproximar da costa, pressionados pelos *tupiniquins* e *tupinambás*, que os expulsaram até a terra árida do sertão. As tribos ou *famílias* que formavam o tronco *carirí* ou *kirirí* (Angyon e Costa seleciona 28 famílias diferentes e Estevã o Pinto 7 grupos principais e suas divisões), espalharam-se pelo interior do Estado do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, até o Rio São Francisco. Como a maior parte da nação *carirí* aliou-se aos holandeses de Maurício de Nassau, foram, posteriormente, exterminados pelos portugueses. No final do século passado, haviam praticamente desaparecido os últimos remanescentes das tribos, ficando apenas um pequeno grupo em Agua das Belas (Pernambuco) (26).

A palavra *carirí* ou *kirirí*, de origem tupí significa "calado", "silencioso", característica atribuída a estes índios que eram considerados taciturnos, em contraste com a maioria dos outros grupos. Existe abundante material lingüístico *carirí* recolhido pelos capuchinhos, nos séculos XVII e XVIII, e em forma de catecismos, gramáticas e relações, e com os trabalhos de Martius, Rodolfo Garcia e Lucien Adams (27),

(26). — Arthur Ramos, *Introdução à Antropologia brasileira. As culturas indígenas*. Coleção "Arthur Ramos". Rio de Janeiro, 1971, página 314. Mario Melo, *Os carijós de Agua das Belas*, in "Revista do Museu Paulista", volume XVI, São Paulo, 1929.

(27). — Carl Fr. Phil. von Martius, *Glossari a linguarum brasiliensium*. Erlangen, 1863. Lucien Adam, *Materiaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi*. Paris, 1896. Rodolpho Garcia, *Etnographia indígena*, in "Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil", Rio de Janeiro, 1922.



Corte ideal do Estado da Paraíba na direção E-O segundo Clerot



Fig. 2 . — Um enorme bloco de gneiss de 24 metros de comprimento por 3 metros de altura, cujo lado norte está repleto de inscrições, constitui a "Pedra de Ingá".

a família linguística carirí foi definitivamente constituída, mas, lamentavelmente, conhecemos muito pouco de sua organização social e religiosa e possuímos escassas informações arqueológicas que possam ajudar na interpretação das inscrições que devemos considerar como uma de suas dimensões culturais.

Temos notícia das superstições e rituais mágicos dos *carirí*, em relação à caça e a pesca, como o tabu de não comer carne de animais de marcha lenta, que os impedia de correr nem comer animais domésticos com o galinhas. Pena s de determinado pássaro s era m adorno obrigatório para a caça. O temor à vingança das feras caçadas é uma constante em todos os grupos selvagens; para evitá-la na caça da onça seguem-se ritos mágicos. Cantos mágicos para atrair os peixes também são comuns a todos os grupos indígenas brasileiros.

Os *carirí* são exatamente um dos grupos sobre os quais menos conhecimentos temos a respeito de mitos e crenças religiosas. Parece que o mito da mãe-das-águas que vive no fundo dos rios, assim como a existência de um demônio das águas, são mitos generalizados, do Amazonas ao Nordeste (28), com os quais se poderia relacionar as inscrições de Ingá e semelhantes, esculpidas no curso fluviais. O culto a jacarés e lagartos é, também, comum. Figuras que podem ser identificadas no petroglifo de Ingá aparecem clara e em outra gravuras da região.

Segundo Estevã o Pinto (29), os *carirí* praticavam apenas uma economia recoleitora, não conhecendo a agricultura até depois da colonização, o que contradiz a opinião de Martius, que os considera hábeis plantadores, com uma agricultura bem desenvolvida e fabricantes de tecidos e cerâmicas semelhantes as dos indígenas do Amazonas. Arthur Ramos (30) lhes atribui apenas uma agricultura rudimentar e a fabricação de redes e algodão.

Ao lado de uma cerâmica lisa e tosca, de formas simples, apareceram, nas zonas de dominação *carirí*, iguábas bem trabalhadas, pintadas com desenhos matizados em vermelho e ocre, recheiando todos os vazios com tendência ao *horror vacui*, das cerâmicas da região amazônica. Os *carirí* são considerados os melhores oleiros da região nordestina, em épocas históricas, mas é possível que sua tradição cerâmica seja muito antiga. Pipa s de barro cozido aparecem também em território *carirí*.

(28). — Estevã o Pinto, *ob. cit.*, nota 23, volume II, página 211.

(29). — Estevã o Pinto, *ob. cit.*, nota 23, volume II, página 55.

(30). — Arthur Ramos, *ob. cit.*, nota 26, página 314.



Fig. 3 . — Detalh e d a Pedr a d e Ingá .



Fig. 4 . — Detalh e d a Pedr a d e Ingá .



Fig. 6 . — Os petroglifos da Pedra de Ingá apresenta m desenhos circulares , cruciformes, serpentiformes e esquematizações de uma fauna e uma flora que constituíram o mundo mágico e físico dos cariris .

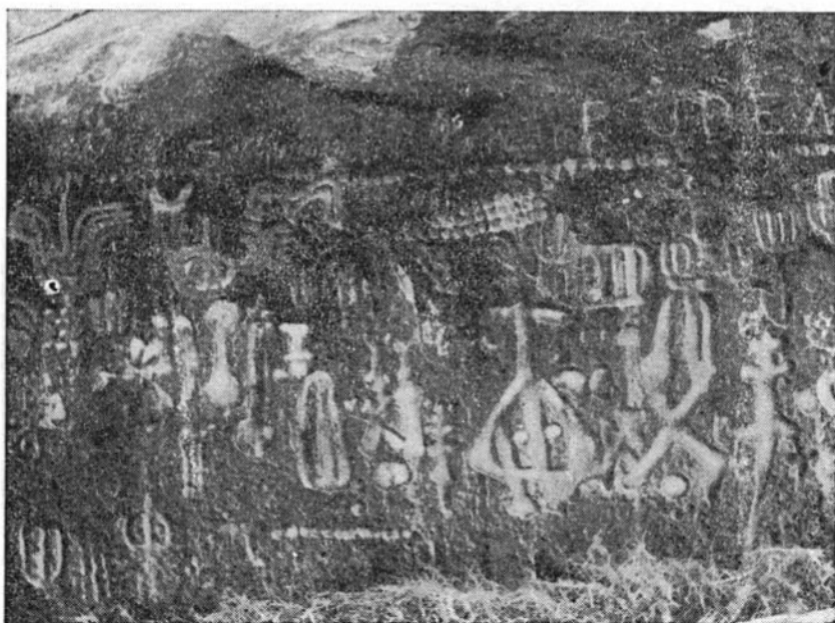


Fig. 5 . — Detalhe da Pedra de Ingá .



Fig. 7 . — Detalhe da Pedra de Ingá .

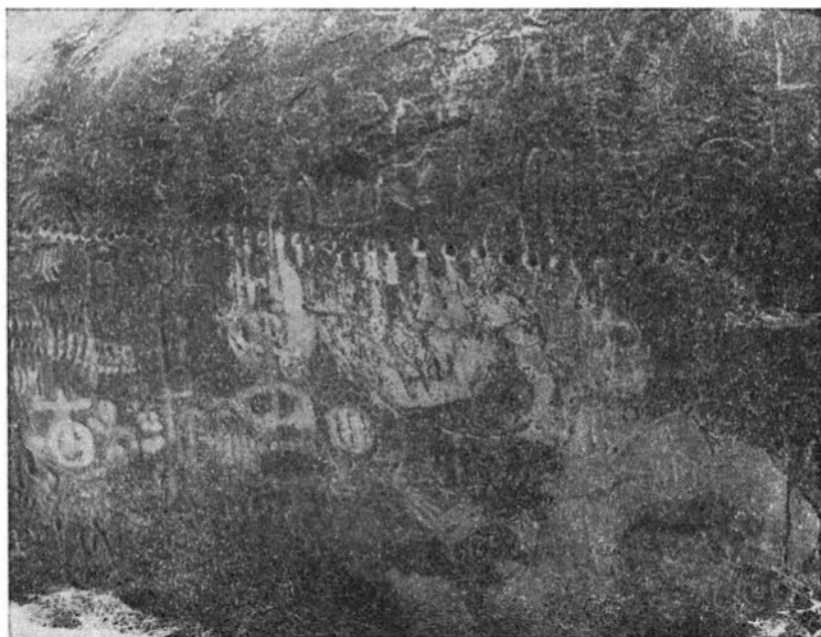


Fig. 8 . — Detalhe da Pedra de Ingá .



Fig. 9 . — Petroglif o espiralad o for a d o conjunt o principa l da s inscultura s d a Pedra d e Ingá .



Fig. 10 . — Machad o votiv o do s carirí . Coleçã o Armand o **Souto Maior**.

As peças líticas mais interessantes são os machados de pedra semilunares ou em forma de âncora, polidos com grande perfeição (fig. 10) certamente e utilizados nos rituais, e cuja fabricação era acompanhada de cerimônias místicas, com o parecer e indicar o achado de um machado de barro cozido. Não temos notícias de que fosse usado como enxoval funerário. Junto a esses tipos singulares, aparecem também machados mais simples de sílex, de cabo longo, fusos e fusaiolas de ágata e quartzo, pesos para redes de pesca, pontas de flecha de pedra, madeira e ossos de peixe e bola de pedra para ser lançada com arco, chamada "pedra de arremesso".

Os sepultamentos *cariri* aparecem em abrigos e pequenas cavernas naturais, com o corpo em posição fetal, não enterrado na terra, mas coberto com pedras. Enterramentos deste tipo foram encontrados na Serra Margarida, Serra da Raposa, Serra do Algodão, no maciço da Borborema (Estado da Paraíba) e na Serra de São José, no Estado de Pernambuco.

Os enxovais consistiam em colares e costelas e mamíferos e contas de osso. É obviamente um tipo de enterramento diferente do tupi-guaraní, que costuma ser de tipo secundário, dentro de urnas de cerâmica.

Em nenhum caso apareceram inscrições junto às tumbas. Somente entre os Estados da Paraíba e Pernambuco (Município de Monteiro) temos notícias de enterramento em abrigos de rocha, nos quais aparecem pinturas rupestres de tipo esquemático (círculos, espirais, linhas) de cor vermelha (31).

O problema mais sério e de difícil solução a respeito dos petroglifos é o cronológico. Ao tentar relacioná-los com as culturas indígenas da região e com materiais arqueológicos, a falta de escavações e, sobretudo, de datas, nos impede de qualquer interpretação que não seja hipotética. At é poucos anos, considerava-se que a ocupação do nordeste brasileiro por tribos indígenas, era muito recente, não anterior à Baixa Idade Média européia. Com a evolução da cultura indígena nessa região e se a cultura indígena nunca passou de um neolítico cerâmico primitivo ou semi-nômade, conseguir datas precisas, baseada na cerâmica ou na ocupação, é quase impossível, já que raramente existem estratigrafias superpostas. A análise de Carbono 14 tem sido de grande ajuda neste aspecto, embora segundo alguns detratores, esteja muito longe de ser um determi-

(31). — A. Laroche, *Nota prévia sobre um abrigo funerário do Nordeste brasileiro*. Separata de UNIVERSITAS, n.º 3-4. Salvador, 1969.

nante cronológico o perfeito . Sabemos , pelo menos , que a região foi habitada em época s muito antigas .

Escavações realizadas no município de Bom Jardim , no interior do Estado de Pernambuco , acusaram cultura s de lascas , com data s de 8.000 e 7.000 anos (32) .

Enterramentos indígenas em abrigo s sob rocha , com enxoval s cerâmicos e colares de conta s de osso , alcançam data s de 2.200-2.000 anos. Túmulo s semelhantes em Itaparica (33) e no rio São Francisco (Estado da Bahia) oferece m data s paralela s obtida s em análise de Carbono 14 , e m materiais procedente s de escavação s realizada s pela Universidade Federal da Bahia .

Os petroglifos paraibanos , esculpido s pelo s pouco conhecido s *carirí*, denota m um a profundidade e abstração , própria de culturas já em estágio cultural agrícola , com uma carga espiritual complexa de mitos e crença s mágicas , à semelhança da s pintura s e gravuras esquemática s que aparece m em ídolo s e monumento s megalíticos do neolítico europeu . Forma m parte do conteúdo espiritual do s povos aborígenes do Brasil , constituindo um todo com sua cultura material que deve ser protegida e estudada e não pode ser deixada de lado porque será negar um a parte important e da mente e da cultura a humanas. Não compartilhamo s da opinião poeticamente expressa , mas profundamente negativa , de Angyon e Costa (34) , quando , ao se referir aos petroglifos brasileiros , disse :

"grito de dor e de amargura , pedido de alimento e de socorro , indicação de caminho e de cemitério , brincos inocentes e de criança ou ordem imperativa e de mando , pedido de paz , reclamação de fêmea , angústia ou tortura , as inscrições são o problema s à margem , são o questões , quando muito , laterais , não o programa da nossa arqueologia" .

(32). — Instituto comprova Laroche. *Fósseis têm oito mil anos*, in "Diário de Pernambuco", 1974 .

(33). — Valentin Calderon , *Nota prévia sobre a Arqueologia das regiões centrais e sudoeste do Estado da Bahia*. Separata do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica . Museu Paraense "Emílio Goeldi" . Publicações avulsas , nº 10 , Pará , 1969 .

(34). — Angyon e Costa , *ob. cit.*, nota 25 , página 163 . Posteriormente , retificou esta afirmação sã o taxativa s e m seu interessante ensaio , *As inscrições lapidares indígenas do ponto de vista da ideologia selvagem* in "Indiologia" , Biblioteca Militar , volume LXXI e LXVII , Rio de Janeiro , 1943 , página 117 .

Não é certo que "essa pretensa escrita", utilizando suas palavras, não ofereça nenhum valor documental. Ao nosso ver, é uma parte pouco compreensível, mas nem por isso pouco importante, da arqueologia brasileira. É preciso, acima de tudo, buscar nela a vida espiritual do indígena e não a mensagem indecifrável dos súditos do rei Salomão.

A tendência mistificadora de procurar origens remotas, quando não fantásticas e desconhecidas, para as primitivas povoações indígenas do Brasil, as tentativas absurdas de demonstrar, cientificamente, remotas civilizações chegadas do Velho Mundo, são vícios de interpretação altamente perniciosos para a formação dos futuros especialistas. A Pré-História brasileira é uma Pré-História jovem, que deve ser libertada do Velho Mundo, pesquisando-se *o que se conhece*, e não se querendo descobrir *o que se imagina ou deseja*. Somente assim será ciência.